

Inovação baixa produtividade

(05-04-2002)

AS EMPRESAS que inovam em Portugal vêem a sua produtividade crescer a taxas inferiores em relação àquelas que optam por explorar a tecnologia que já possuem e as actividades centradas somente na produção.

AS EMPRESAS que inovam em Portugal vêem a sua produtividade crescer a taxas inferiores em relação àquelas que optam por explorar a tecnologia que já possuem e as actividades centradas somente na produção. Isto pode resultar da inexistência de um mercado nacional exigente para motivar os investimentos em inovação e da falta de capacidade inovadora da maioria dos empresários portugueses. Estes são os resultados principais de um estudo elaborado por Pedro Conceição, docente no Instituto Superior Técnico e consultor na ONU e Francisco Veloso, docente na Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa. As conclusões do estudo são iguais para os sectores da indústria e dos serviços, o que confirma a inovação como sendo improdutiva no curto prazo.

Inovar para crescer

A pesquisa utilizou como dados informação sobre firmas que tentaram inovar e que introduziram inovações e todos os registos de patentes. Os primeiros cálculos efectuados pelos investigadores sugerem que existe uma correlação positiva (o coeficiente é positivo) entre inovação e crescimento de produtividade, ou seja, inovar aumenta a eficiência produtiva. Todavia, também verificaram que ambos os factores são determinados simultaneamente. "Ou seja, há interacção entre as duas variáveis, mas a relação causa-efeito não é clara. É como no problema do ovo e da galinha. Perguntamo-nos: o que é que causa o quê, é a produtividade que causa a inovação ou vice-versa? Em termos econométricos dizemos que estamos perante um problema de 'simultaneidade', explica Pedro Conceição.

Segundo aquele especialista, os resultados matemáticos com esta característica são passíveis de se encontrarem enviesados. Para corrigi-los, foi preciso efectuar um segundo cálculo utilizando uma variável que "separasse" a "simultaneidade" entre a produtividade e inovação, a qual se designa por instrumental. Depois de vários testes matemáticos, os investigadores escolheram como variável instrumental o nível de exportações. Quando a regressão matemática é calculada depois de corrigido o problema da "simultaneidade", o resultado mostra que o coeficiente passa a ser negativo, isto é, a inovação prejudica a produtividade. "Como o nosso estudo é exploratório, o objectivo é avaliar se determinadas variáveis são ou não significativas e em que sentido. Daí que não seja prática nestas situações discutir os valores dos coeficientes. É o sinal, positivo ou

negativo, do coeficiente o factor no qual podemos ter uma certa confiança", observa Francisco Veloso.

Tendo em consideração o contexto português, os investigadores referem que a presente situação é a existência de muito mais empresas a rentabilizarem ao máximo os processos e tecnologias que já possuem do que explorando novas formas de trabalhar, produzir e investindo na concepção de novos produtos.

"Não estamos a pôr em causa a capacidade das nossas empresas, empresários ou trabalhadores", ressalva Pedro Conceição. Aquele responsável refere que seria benéfica a existência de mais empresários com espírito de risco, mas que tal factor não mudaria a principal barreira, "que é o comportamento face à inovação e à produtividade das empresas portuguesas que os nossos resultados sugerem", salienta.

PME não inovam

A explicação avançada por estes especialistas é que a conjugação da estrutura de incentivos do mercado e a baixa capacidade de inovação empresarial impedem a empresa portuguesa média de se lançar na inovação. A atitude dominante é "a prazo a inovação traz produtividade, mas a curto prazo mais vale não inovar - não 'ir em aventuras' - e explorar ao máximo o que se tem". Isto é, a maioria dos empresários portugueses só gerem com o olho no curto prazo.

"As empresas a curto prazo têm que pagar salários a fornecedores e a bancos. Os concorrentes não competem pela inovação, mas pelo preço, e os consumidores portugueses não são lá muito sofisticados e exigentes. E o empresário pergunta-se: 'Para quê inovar?'. As empresas respondem a incentivos, não fazem favores a quem acha que seria muito bom que Portugal fosse muito inovador", explicita Pedro Conceição.

E como Portugal é um país que está longe dos ambientes dinâmicos dos sectores tecnologicamente avançados, as firmas "miópicas" encaram a perda de produtividade no curto prazo como um poderoso desincentivo ao investimento na inovação. Outra possibilidade é a escassez de fundos ou a inexistência de uma política pública integrada e estrategicamente definida para permitir às empresas que devotem alguns dos seus recursos à exploração de novas tecnologias.

Francisco Veloso alerta que se esta situação se tornar dominante em Portugal, poderá originar um enclausuramento do sistema produtivo num ciclo de "baixa produtividade - baixa inovação" no longo prazo. As consequências negativas desta estratégia serão a diminuição da competitividade do país, a obsolescência do tecido industrial e um crescimento da produtividade cronicamente mais baixo face aos parceiros europeus. "Fica-se pelo barato no presente, que depois nos sai caro a todos no futuro. Esta situação exige a intervenção de políticas públicas que incentivem a inovação, mas sem dar azo à subsidiodependência. É que o crescimento económico e do emprego no nosso país depende da produtividade", remata Pedro Conceição.